

DODGE CITY / 1939

Vida Nova

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Robert Buckner / **Fotografia:** Sol Polito e Ray Rennahan / **Música:** Max Steiner / **Cenários:** Ted Smith / **Vestuário:** Milo Anderson / **Montagem:** George Amy / **Interpretação:** Errol Flynn, Olivia de Havilland, Ann Sheridan, Bruce Cabot, Frank McHugh, Alan Hale, Victor Jory, Guinn "Big Boy" Williams, John Litel, William Lundigan, Ward Bond

Produção: Hal B. Wallis para a Warner Brothers / **Director de Produção:** Robert Lord / **Cópia:** digital, cor, com legendas em português / **Duração:** 99 minutos / **Estreia em Portugal:** Politeama, 20 de Novembro de 1941

Dodge City é o quarto filme a reunir um dos pares mais populares do cinema (Errol Flynn e Olivia de Havilland tinham feito juntos **Captain Blood**, **The Charge of the Light Brigade** e o lendário **Adventures of Robin Hood**, a que se seguirão ainda **The Private Lives of Elizabeth and Essex**, **Santa Fe Trail** e **They Die With Their Boots On**). Todos, à excepção deste último, foram dirigidos por Michael Curtiz. Mas mesmo o filme de Walsh era, em princípio, destinado a Curtiz, tendo este sido substituído por imposição de Errol Flynn após mais uma e violenta alteração com o realizador que o lançara. Curtiz era conhecido no Estúdio como o "terror dos actores", fama que, para além do que continha de verdade, também era explorada em proveito próprio pelo realizador, e, além de Flynn, também ficaram famosas as suas "pegas" com Bette Davis.

No melhor da sua forma o trio Curtiz-Flynn-Havilland lança-se ao seu primeiro western num ano que é especialmente significativo para o género (primeiro para Flynn, pois Curtiz já dirigira Olivia em **Gold is Where You Find It** – 1938). Em 1939 começa a série de biografias das personagens que povoam o mundo do western com **Jesse James (A Justiça de Jesse James)** de Henry King; Wyatt Earp tem o seu primeiro grande retrato em **Frontier Marshall (A Lei do Mais Forte)** de Allan Dwan (**Dodge City** "inspira-se" também em aventuras lendárias atribuídas ao mesmo personagem); as convenções do western clássico são parodiadas no delicioso **Destry Rides Again (A Cidade Turbulenta)** de George Marshall e mesmo o *serial* alcança um dos seus melhores momentos com **Overland With Kit Carson (O Bando dos "Máscaras Negras")** de Sam Nelson e Norman Deming; Cecil B. DeMille realiza o seu espectacular **Union Pacific (Aliança de Aço)** e John Ford baralha e dá de novo as regras do género: ao lado do rigoroso classicismo e o exercício genial da cor em **Drums Along the Mohawk** vem o filme charneira que é **Stagecoach**.

No meio de tudo isto o que representa **Dodge City**? Face aos filmes citados anteriormente o seu papel é mais apagado. Trata-se, acima de tudo, de uma inteligente operação de estúdio utilizando actores e o realizador que eram dinheiro em caixa, os primeiros pelo favor popular e o segundo porque se saía airoso de qualquer empreendimento a que metesse mãos, pelo seu "savoir faire" e incansável actividade. Com um dos seus maiores sucessos de sempre a dar dividendos, **Adventures of Robin Hood**, a Warner Brothers apostou na sua repetição. Mudando o cenário

histórico recria-se o mesmo espírito de aventura e cavalaria. Em vez da “floresta de Sherwood” são agora as paisagens muito mais “reais” do western. Robin troca o arco pelo Colt, com a mesma pontaria certa, Miriam tem de novo o seu tempo de desavenças e desconfianças antes de lhe cair nos braços. O Xerife de Nottingham é agora um ladrão de gado que impõe a sua lei pela força. E João Pequeno, quem diabo havia de ser João Pequeno senão o inimitável Alan Hale? A receita é exactamente a mesma e de novo provou que resultava pois **Dodge City** tornou-se o mais lucrativo dos western da Warner, com várias reposições ao longo das décadas, a última das quais (entre nós) em 1965.

O êxito não tem a ver com qualquer novidade ou complexidade da intriga de **Dodge City**. É mesmo o mais simples e ingénuo, em comparação com qualquer outro western importante da mesma época, e o mais frágil dos que Flynn fez com Curtiz (**Dodge City, Virginia City, Santa Fe Trail**). Mas é esse, talvez, o segredo do seu sucesso: o respeito integral pelas convenções e códigos do género. **Dodge City** é como uma espécie de “digest”, um resumo de todas as situações clássicas. Mas enfrenta o mesmo risco que todos os “digests”, tornar-se superficial e apressado. À excepção dos índios todo o mundo do western marca encontro em **Dodge City**, embora haja uma referência a eles no prólogo em que Errol Flynn e os Rangers prendem Cabot e os ladrões de peles de búfalo, e um dos momentos clássicos de género tem logo lugar nesse prólogo na belíssima e fotogénica corrida que opõe a diligência ao comboio. Somos logo de imediato sujeitos às convenções do género. Ainda antes do coronel Dodge fazer o seu discurso da inauguração da cidade. Seis anos depois a sua profecia cumpriu-se: “Silver dollars and Iron Horse” fizeram do lugarejo uma cidade, a “cowtown” que substitui Abilene e Wichita e foi, de 1876 a 1885, a “capital do Cow-Boy”: Dodge City. Aqui encontramos Bruce Cabot, corrupto até à medula como todo o vilão de western que se preza, dominando a cidade pelo terror; na rua principal lá encontramos o clássico “saloon”, para onde somos de imediato conduzidos por um belíssimo “travelling” para assistirmos à representação de Ann Sheridan (e este é um dos aspectos que mais faz lamentar o carácter “digest” de **Dodge City**, pois passa totalmente à margem duma figura, a cantora de “saloon”, que costuma ter grande importância nos filmes do género). Neste mesmo lugar teremos, lá mais para diante, a mais divertida e movimentada sequência do filme: a homérica zaragata entre nortistas e sulistas que ficou como um dos momentos máximos do western. Assim de repente só recordo coisa semelhante (em “quantidade” e “qualidade”!) no filme de Charles Vidor **Desperadoes** que em 1943 juntou Randolph Scott e Glenn Ford ao lado do mesmo Guinn “Big Boy” Williams que desencadeou a zaragata em **Dodge City**. Ainda recordamos alguns westerns B dos anos 50 que recorriam à mina inesgotável de “shots” que esses dois filmes forneciam.

Mas há mais! Temos as ligas de temperança que lutam contra o vício na cidade (e que proporcionam um gag divertidíssimo); temos o jornal com o seu director “carola” que será vítima do seu amor pela liberdade de imprensa; temos a donzela em perigo no comboio; temos o dito em chamas e um tiroteio final que, na sua simplicidade e eficácia, é a melhor homenagem que se podia fazer ao **Great Train Robbery**. Temos, bem vistas as coisas, motivos suficientes para um espectáculo divertido e emocionante como um western clássico deve ser. Mesmo aos espectadores mais novos muitas das situações não oferecerão surpresas de tal modo elas foram exploradas e parodiadas. É que ver hoje **Dodge City** é como folhear os álbuns Lucky Luke, de tal modo esta banda desenhada explora as convenções do género. E o prazer é idêntico. E agora, todos a cavalo! *On the trail to **Dodge City**! I’m a poor lonesome cowboy!*

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico